

Alter JS. *Yoga in Modern India: the Body Between Science and Philosophy*. Princeton: Princeton University Press; 2004. 376 p.

Pamela Siegel

Nelson Filice de Barros

Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde (Lapacis), Departamento de Medicina Preventiva e Social, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp.

O livro, escrito pelo antropólogo e professor da universidade de Pittsburgh, Joseph Alter¹, contém 376 páginas e sete capítulos. No prefácio, o autor menciona semelhanças e diferenças entre o seu livro e o do Gregory Fields, *Religious Therapeutics: Body and Health in Yoga*². As semelhanças dizem respeito ao corpo e vários aspectos do pensamento hindu clássico, enquanto que as diferenças residem na história da modernização do pensamento clássico, tema muito explorado por Alter.

No capítulo primeiro, *The Life and Times of Liberated Souls*, o autor analisa como o Yoga é, ao mesmo tempo, na Índia moderna, uma das seis escolas filosóficas, ligada aos *Yoga Sutras* de Patanjali e uma forma moderna de medicina alternativa e treinamento de tipo *fitness*. O enfoque principal é sobre o que é comumente chamado de Hatha Yoga e o recorte temporal usado por Alter abrange os textos do século XX e a prática do Yoga no final deste mesmo século. Para Alter, o Yoga é um engenhoso construto humano e ele faz questão de pinçá-lo para fora dos textos clássicos e situar sua história no corpo da prática, no dia-a-dia, mais do que como um meio de adquirir consciência transcendental.

No capítulo segundo, *Yoga and the supramental being: materialism, metaphysics and social reality*, Alter afirma que, na volumosa literatura indiana – técnica, acadêmica e popular – sobre Yoga, ele é, muitas vezes, considerado uma ciência. O termo científico nesse sentido busca simplesmente evidenciar que o Yoga não é uma doutrina ou um conjunto especulativo de crenças, mas sim uma técnica objetiva de treinamento corpo-mente com o fim de compreender a realidade última.

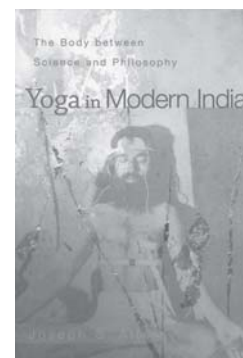
Os primeiros experimentos científicos com Yoga, conduzidos pelo Swami Kavalayananda em 1924, enfocaram mudanças na pressão arterial, pressão do ar no esôfago e o desempenho cardíaco durante e após a prática de várias posturas e de exercícios respiratórios. Atualmente, são feitas pesquisas usando sujeitos randomizados e grupos de controles. Alter aponta que a contradição do Yoga é afirmar, por um lado, que a “verdade” última somente pode ser vivenciada e nunca entendida, e, por outro, continua explicando a sua natureza e situando-a no corpo.

O capítulo terceiro, *Swami Kavalayananda: Science, Yoga and Global Modernity*, trata dos trabalhos efetuados por este hindu e suas implicações. A Índia pós-colonial é caracterizada por uma grande ambivalência com relação à modernização e ao desenvolvimento, sendo que, na busca de uma identidade ligada ao passado ou ao futuro, muitos indivíduos tendem a criar um presente híbrido, manifestado como nacionalismo hindu, vinculado a, e limitado por, todo um aparato de colonialismo e do legado imperial.

A pesquisa de laboratório do Swami Kavalayananda sobre a fisiologia do Yoga começou como um nacionalismo científico *hardcore* e assumiu a forma de uma filosofia da ciência universalista e uma espécie de humanismo transnacional deslocado e enraizado no corpo. Entre os anos 1920 e 1960, acadêmicos e médicos ocidentais vieram estudar no centro Kaivalyadhama, fundado por Swami Kavalayananda, que ficou conhecido com as pesquisas sobre os *kriyas*, técnicas de purificação que envolviam exercícios que afetam o movimento peristáltico (*uddiyana* e *nauli*), mas foi somente a partir de sua morte que estudos clínicos de doenças específicas foram conduzidos com perspectiva acadêmica.

O capítulo quarto, *Birth of the anti-clinic: naturopathic Yoga in a post-Gandhian, postcolonial state*, descreve o processo pelo qual o *Nature Cure* (cura pela natureza), um conceito inventado na Europa central durante o século XIX, foi adaptado por Gandhi, à Índia. Basicamente, o que o *Nature Cure* propõe é o uso exclusivo de elementos naturais no tratamento de doenças, facilitando a habilidade do corpo de se curar. Sob a direção de profissionais qualificados e com o uso de técnicas, tais como saunas, duchas de pressão, compressas quentes e frias, enemas, submersão em banheiras de vários tamanhos e formatos, o corpo é exposto ao ar, à terra, à luz solar e à água para purificar as toxinas e restaurar o equilíbrio. O vegetarianismo e consumo de vegetais crus e não-processados previnem contra a intoxicação mórbida e são a base do *Nature Cure*.

O capítulo quinto, *Dr. Karandikar, Dr. Pal, and the Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS): Purification, Subtle Gymnastics, and Man Making* lida com a ideologia do nacionalismo hindu da RSS e como esta se espalhou pela arena da saúde e da cura, por meio da prática dos médicos: Dr. Karandikar, de Puna, e Dr. Pal, de Nova Déli. Estabelecida em 1920, a RSS esteve envolvida com um projeto de reforma social e nacionalista baseado sobre o que considerava ser os ideais da cultura hindu. A RSS foi taxada de uma organização anti-islâmica, anti-ocidental e anti-secularista. É acusada de estar envolvida em motins e de professar um fundamentalismo.



As pedras angulares da RSS são pequenas unidades de associação chamadas *sakha*. O treinamento na *sakha* envolve o canto de canções patrióticas, a prática de jogos, esportes e exercícios paramilitares. Muita ênfase é dada à força física, ao desempenho atlético e às artes marciais.

Tanto o Dr. Karandikar como o Dr. Pal exerceram um importante papel ao fundar duas organizações pioneiras, respectivamente, a Sun-Jeevan Yoga Darshan (1986), cujo lema era o de purificação e desenvolvimento da humanidade, uma extensão da RSS, e a Yoga International Institute for Psycho-Physical Therapy (YIIP-PT), fundada em 1955. Joseph Alter conclui este capítulo afirmando que uma mutação do Yoga e da filosofia RSS foi o que inspirou a ambos.

No sexto capítulo, *Auto-Urine Therapy – the elixir of life: Yoga, Ayurveda and self-perfection*, o autor analisa o procedimento chamado *amaroli*, a ingestão da própria urina, que aparece numa das obras clássicas de Yoga, o *HathaYogapradipika*. Em 1918, J.W. Armstrong inventou a urinoterapia como um sistema de medicina alternativa. Seu livro *The Water of Life: A Treatise on Urine Therapy*, publicado em 1944, impactou profundamente Rajibhai Manibhai Patel, um reformador social gandhiano. Patel publicou o próprio livro, intitulado *Manav Mootra: Auto-Urine Therapy*, que foi traduzido do gujarati ao hindi e ao inglês. Originalmente publicada em 1959, a edição gujarati está atualmente na décima edição, a versão em hindi na sétima e a tradução inglesa na terceira edição.

No seu livro, Patel faz referências ao que chama de literatura médica ayurvédica, citando o pequeno tratado *Sivambu Kalpa*, que é o diálogo entre o deus Shiva e sua consorte Parvati e explica os tipos de recipientes em que a urina deve ser coletada. O cobre é recomendado como o melhor. A obra traz um calendário de tratamento urinário que se estende de um mês a doze anos, após os quais o indivíduo adquiriria: o poder de “viver tanto quanto a lua e as estrelas; imunidade do perigo dos animais e do veneno de cobra; a habilidade de não ser queimado pelo fogo; e a habilidade de flutuar na água como a madeira.” Alter conclui que a maioria das pessoas que praticam a urinoterapia na Índia o faz com a idéia de que é uma ciência racional, uma forma da natureza e expressão da lei natural, mais do que uma ramificação do Ayurveda.

No último capítulo, intitulado *Mimetic Skepticism and Yoga: Moving beyond the problem of culture and relativism*, Alter afirma que o Yoga, enquanto sistema cultural, não oferece ameaça à integridade de qualquer outro sistema cultural e desenvolve uma teoria yóguica de ceticismo mimético, para refletir sobre o Yoga como fenômeno moder-

no, mostrando que a compreensão da filosofia física do Yoga pode trazer um *insight* sobre as teorias antropológicas da cultura.

Para Alter, o Yoga é o produto da inteligência humana e a busca da transcendência do ser, com intuito de adquirir a imortalidade e a liberdade, seria uma idéia cultural situada no tempo da experiência humana e na matriz espacial do mundo material. Logo, o Yoga refletiria um desejo fetichista pela experiência de algo que está além da experiência humana e, como tal, deveria estar sujeito à mesma crítica sociológica e filosófica que a religião.

Alter tenta, juntamente com outros autores, como N.E. Sjaman e Elizabeth De Michelis, encontrar o elo perdido entre o Yoga clássico e o Yoga moderno, apontando o fato de que o livro “Yoga, Imortalidade e Liberdade” de Mircea Eliade, considerado uma das obras seminais sobre o tema, editado primeiramente em 1954, não abrange o período moderno do Yoga. Embora Alter faça uma análise abrangente do estado da arte do Yoga no século XX, não se detém no fenômeno da corporeidade do Yoga, no qual o corpo seria a base experiencial e agencial do lugar e as dimensões corporais estariam vinculadas às diferentes formas de viver³, pois ancora suas reflexões e sensações na atmosfera interior do próprio corpo, o que produz a experiência numinosa (*samadhi*).

Sumariamente, pode-se afirmar que este é um livro muito importante para a área da Saúde Coletiva, porque o Yoga não só é indicado por profissionais de saúde, como também se apresenta como uma prática mente-corpo recomendada pela OMS⁴ para ser incluída nos sistemas nacionais de saúde de seus países membros. Além disso, o livro revela um olhar antropológico fundamental para a construção da integralidade nas práticas de cuidado e cura, apresentando elementos históricos e epistemológicos que auxiliam na construção da relação entre práticas integrativas e complementares e saúde.

Referências

1. Alter JS. *Yoga in Modern India: the Body Between Science and Philosophy*. Princeton: Princeton University Press; 2004.
2. Siegel P, Barros NF. Terapêutica religiosa, o corpo e a saúde em Yoga, ayurveda e tantra. *Cien Saude Colet* 2007; 12(6):1747-1748.
3. Persson A. Intimate Immensity: Phenomenology of place and space in an Australian Yoga community. *American Ethnologist* 2008; 34(1):44-56.
4. Organização Mundial de Saúde. *Estratégia da OMS sobre Medicina Tradicional/2002-2005*. Disponível em: http://209.85.165.104/search?q=cache:rekrh8u5pT8J:www.larevistaintegral.com/deargas/ngviajes/art_143364.pdf+Estrategia+de+la+OMS+sobre+medicina+tradicional&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=6&gl=br